

BULLYING ENTRE MENINAS: REFLEXÕES A PARTIR DE FILMES, SÉRIES E RELATOS REAIS DE ADOLESCENTES

Mirione Gomes de Azevedo Oliveira

Vanessa Paiva Garcia Fantozzi

Elaine Gomes Vilela

Valquíria Aparecida Rossi

RESUMO

O bullying é um comportamento antigo dentro do ambiente escolar, mas pouco estudado. Em situações do cotidiano escolar o bullying é evidenciado. Este ocorre de diferentes formas: verbal, físico, psicológico e cyberbullying. Este artigo explora o bullying entre as meninas adolescentes, analisando como esse fenômeno é retratado em filmes e séries de televisão, comparando essas representações com narrativas reais de adolescentes. O objetivo geral desse estudo é pesquisar os padrões do bullying especificamente entre as meninas adolescentes e tem como objetivos específicos (i) verificar as manifestações do bullying entre as meninas; (ii) investigar os fatores contribuintes para a manifestação dos comportamentos do bullying; (iii) compreender as consequências e efeitos psicossociais nas vítimas. O caminho metodológico

é de natureza qualitativa de caráter investigativo na modalidade narrativa por meio das experiências de adolescentes do sexo feminino relacionando suas vivências com filmes e séries que retratam o fenômeno do bullying. Os resultados evidenciam diferentes formas de bullying vivenciadas pelas meninas e que, em muitos casos (quase que em sua totalidade) sucedem de forma velada e discreta.

Palavras-chave: Bullying; adolescência; comportamentos; vítimas; narrativas.

ABSTRACT

Bullying is an old behavior within the school environment, but little studied. In everyday school situations, bullying is evident. This occurs in different forms: verbal, physical, psychological and cyberbullying. This article explores bullying among teenage girls, analyzing how this phenomenon is portrayed in films and television series, comparing these representations with real teenage narratives. The general objective of this study is to research bullying patterns specifically among adolescent girls and its specific objectives are (i) to verify the manifestations of bullying among girls; (ii) investigate the factors contributing to the manifestation of bullying behaviors; (iii) understand the consequences and psychosocial effects on victims. The methodological path is qualitative in nature and investigative in narrative mode through the experiences of female adolescents relating their experiences with films and series that portray the phenomenon of bullying. The results highlight different forms of bullying experienced by girls and which, in many cases (almost all) occur in a veiled and discreet way.

Keywords: Bullying; adolescence; behaviors; victims; narratives.

INTRODUÇÃO

O bullying é um tema que tem se mostrado muito presente na atualidade e suas formas de combate tem sido cada vez mais exploradas. A prática e os relatos de episódios de bullying dentro da sala de aula são cada vez mais recorrentes e formas de combate precisam ser pensadas e difundidas.

Não se pode ignorar a presença deste fenômeno e não é de se estranhar que ele se apresente tão presente dentro do ambiente escolar. Por mais que movimentos de combate sejam realizados, trabalhos de conscientização e uma escuta ativa das vítimas se tornam indispensáveis.

O presente artigo propõe uma análise, através da perspectiva da pesquisa narrativa, contrapondo as narrativas coletadas de cinco alunas, vítimas de bullying, aqui nomeadas como: Ana, Fernanda, Camilla, Laura e Maria (nomes fictícios), com séries e filmes que abordam o tema.

Nas próximas seções, serão apresentadas a conceitualização do conceito de bullying sendo costurada e exemplificada, tanto pelas narrativas coletadas, quanto pelos filmes e séries escolhidos.

2. BULLYING

2.1. Contextualização do bullying

A espaço escolar é um dos primeiros meios sociais de qualquer indivíduo e um campo repleto de experiências e vivências relacionais intensas e de convívio. Nesse ambiente se aprende e se experiencia reproduções da sociedade. “As escolas passam a constituir um mundo dentro do mundo, uma sociedade dentro da sociedade” (Dewey, 1975, p.21).

Dentro dessa sociedade tida como escola, o desenvolvimento cognitivo e acadêmico é estimulado, o aprender em todas as suas frentes são expandidas ano após ano. Aprendizagens pedagógicas, mas também aquisições e relacionamentos sociais. Segundo Tognetta (2009, p. 9) na escola “...se tem como objetivo “formar”, tem por meta um desenvolvimento moral que permita o respeito ao outro, como forma equilibrada de relações.” O convívio entre os pares promove espaços de convivência, diálogos, conhecimento, mas também de conflitos entre os estudantes. Alguns conflitos se tornam tão complexos que podem desencadear vários complicadores, entre eles o comportamento do bullying. Situações estas, que demonstram falta de empatia e respeito por parte dos estudantes que praticam tais atos.

O bullying é presente no ambiente escolar há muito tempo, mas sem muitos estudos e categorização do termo. Ele foi inicialmente considerado na década de 1970, após o suicídio de três jovens noruegueses que sofriam perseguições e intimidações de colegas da escola. A partir desses eventos trágicos, estudos e pesquisas sobre bullying começaram a se expandir dos países escandinavos para outros locais, como países europeus, asiáticos e na América do Norte (Francisco & Coimbra, 2015).

A contextualização e estudos sobre o Bullying no Brasil tiveram início na década de 2000 com estudos acadêmicos de La Taille (2002); Tognetta (2005); Nogueira (2007); Vinha (2008); Francisco e Libório (2009), entre outros. Atualmente é bem discutido na sociedade e no ambiente escolar, apesar de ainda ser pouco difundido em projetos voltados para a prevenção bem como para ações eficazes de combate às práticas.

O bullying é uma forma de violência que se caracteriza por comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, direcionados a uma vítima que possui dificuldades em se defender. Esse fenômeno é reconhecido como um problema significativo, em ambientes escola-

res, afetando o desenvolvimento emocional e social das vítimas.

Nogueira (2007) define o bullying como sendo:

“[...] todo o comportamento cruel e intrínseco nas relações sociais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão, prazer, por meio de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e de intimidar de forma repetitiva”.[...] período prolongado de tempo contra uma vítima ou mais, apresentando uma relação de poder, o que muitas vezes dificulta a defesa da vítima (NOGUEIRA, 2007, p. 205).

Nesta mesma perspectiva Tognetta et al, (2021, p. 100) mencionam que “o Bullying vem da palavra inglesa “bully”, que significa “valentão” e tem como características próprias a sua paridade, ou seja, acontece entre pessoas da mesma hierarquia como, aluno/aluno, professor/professor, em ações repetitivas (Tognetta et. al, 2021 p. 100)”.

O fenômeno do bullying tem várias frentes entre elas: o verbal, psicológico, moral, físico e o cyberbullying. Dentro dos termos da Lei Nacional de n.º 13.185/2015

No artigo 2º, o bullying é caracterizado pela violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação, alcançando, ataques físicos, insultos pessoais, comentários sistematizados e apelidos pejorativos, ameaças por quaisquer meios, grafites depreciativos, expressões preconceituosas, isolamento social consciente e premeditado e pilhérias. No artigo

3º, o bullying é classificado como verbal (insultar, xingar e apelidar pejorativamente), moral (difamar, caluniar, disseminar rumores), sexual (assediar, induzir e\ ou abusar), social (ignorar, isolar e excluir), psicológica (perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar), física (socar, chutar, bater), material (furtar, roubar, destruir pertencentes de outrem) e virtual (depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social) (BRASIL, 2015).

2.2. Especificidades do bullying entre meninas

Embora o bullying seja um problema que afeta tanto meninos quanto meninas, há particularidades nas formas como ele se manifesta entre os gêneros. No caso das meninas, o bullying tende a ser mais relacional e psicológico, envolvendo fofocas, exclusão social e manipulação de amizades.

O bullying entre meninas é frequentemente caracterizado por formas indiretas de agressão, como fofocas e exclusão social. Essas formas de bullying podem ser tão prejudiciais quanto as agressões físicas, causando danos significativos à saúde mental e “emocional das vítimas.

Segundo Maldonado (2011, p.27) “o bullying praticado por garotas costuma ser mais insidioso, mas não por isso menos cruel. [...]. Quase todos os ataques desse tipo são motivados por inveja e ciúmes. [...] a garota atacada pode ameaçar as agressoras por fazer muito sucesso com os garotos [...] “pecado imperdoável” é ser apreciada pelos

professores por se destacar pela inteligência e pela qualidade de sua participação nas aulas”.

Oi, meu nome é Maria, tenho 14 anos e estou no 8º ano. Eu sempre andava com um grupo de meninas que, até então, eu achava que eram minhas melhores amigas. Só que, depois de uma briga idiota sobre quem ia se sentar onde no recreio, tudo mudou. Daí, do nada, elas começaram a me ignorar. No outro dia, lá estavam elas, rindo e cochichando assim que eu passava pelo corredor. Sabe aquele tipo de risadinha que você sabe que é para você? Doeu. Muito. Eu tentei fingir que não ligava, mas era impossível. Elas começaram a fazer piadinhas sobre minha roupa, sobre o jeito que meu cabelo ficava preso. Todo dia era isso. E cada risada delas me quebrava mais um pouquinho por dentro. Eu não queria mais ir para escola, sabe? Só de pensar em passar por isso de novo, me dava um aperto no peito. Chegou num ponto em que eu me sentava sozinha na sala, e até isso virava piada. Me sentia invisível, mas ao mesmo tempo o centro de todas as piadas. Todo mundo olhando, rindo. E o pior? Eu ainda sinto falta delas. Como se, de alguma forma, eu quisesse que tudo voltasse a ser como antes, mesmo sabendo que isso nunca vai acontecer. Está tudo desmoronando, e eu estou aqui, tentando sobreviver mais um dia sem chorar na frente de todo mundo (Maria, 2024).

Esse episódio resulta em Maria tornando-se introvertida e faltando frequentemente às aulas. Este caso específico pode ser comparado ao enredo do filme “A Garota Como Ela” (A Girl Like Her, 2015). No filme, Jessica é uma estudante que sofre bullying intenso de sua

ex-amiga, Avery, resultando em uma grave deterioração de sua saúde emocional e social, culminando em uma tentativa de suicídio.

A comparação entre o relato de Maria e o filme “A Garota Como Ela” revela padrões semelhantes de comportamento agressivo e suas consequências psicossociais. Tanto Maria, quanto Jessica, experimentam o isolamento social e a humilhação pública, que são formas de bullying psicológico. Esses atos resultam em um declínio na autoestima, aumento da ansiedade e aversão ao ambiente escolar, manifestados pelas faltas frequentes de Maria e a depressão de Jessica.

O filme, assim como o relato de Maria, ilustra como o bullying entre meninas pode ser cruel e devastador. Ambos os casos destacam a necessidade de intervenções educativas que promovam a empatia, a inclusão e o apoio emocional, além de políticas escolares que previnam e combatam o bullying de maneira eficaz. A narrativa de Jessica no filme serve como um alerta poderoso sobre as consequências extremas do bullying, enquanto o relato de Maria reflete uma realidade cotidiana que muitas adolescentes enfrentam.

Oi, sou a Ana, 15 anos, e estou no 1º ano do ensino médio. Sempre fui aquela menina mais na minha, meio tímida, e tipo, nunca fui boa em educação física. Já começo a suar só de pensar nas aulas. Mas o que rolou aquele dia foi tenso demais. Estava tentando acompanhar os exercícios, mas, sei lá, sou toda desengonçada. Aí, do nada, as meninas começaram a me zoar. Elas imitavam meus movimentos, tipo de um jeito exagerado, e riam alto, como se fosse o programa de comédia delas. E quanto mais eu tentava, mais parecia que virava piada. Mano!! Eu queria sumir na hora! Sério!! Cada risada delas fazia eu me sentir mais idiota. Meu rosto pegando fogo,

só olhava para o chão, tentando fingir que aquilo não estava acontecendo, mas por dentro eu estava despedaçada. Desde então, eu meio que estouôugindo dessas aulas. Sempre invento uma desculpa, dou um “migué” e fico de fora. Só de pensar em passar por isso de novo, me dá um aperto. O pior é que isso fica na minha cabeça o tempo todo. Só de lembrar, já fico tensa. Parece que ninguém percebe o quanto isso me machucou, e eu não sei como lidar com esse peso que elas nem devem imaginar que jogaram em cima de mim (Ana, 2024).

Essa situação reflete o que é apresentado em “Carrie, a Estranha” (Carrie, 1976), onde Carrie é ridicularizada publicamente, especialmente nas aulas de educação física, resultando em retração e aversão ao ambiente escolar.

Tanto Maria, quanto Ana, assim como as personagens, Jessica e Carrie, sofrem diferentes formas de bullying que impactam significativamente sua autoestima e comportamento escolar. Maria e Jessica experimentam isolamento e vergonha, enquanto Ana e Carrie enfrentam zombaria pública. Estas narrativas destacam a necessidade urgente de intervenções educativas e sociais para prevenir e combater o bullying, criando um ambiente escolar seguro e acolhedor.

Estes exemplos reforçam a importância de compreender as diversas manifestações do bullying entre meninas e os profundos efeitos emocionais e sociais que esse comportamento pode gerar. Criar um ambiente de compreensão e respeito é crucial para a saúde mental e bem-estar dos estudantes, evitando que situações como as vividas por Maria e Ana se repitam.

Eu estou no 9º ano, me chamo Fernanda e vou fazer 14 anos. Sempre fui tranquila, focada nas minhas notas, e adorava participar das coisas da escola. Mas aí, a Clara chegou. No começo, eu nem liguei para ela, só mais uma aluna nova, né?! Mas ela virou popular rapidinho, e, por algum motivo, que eu não entendo, eu virei o alvo dela. Do nada, ela começou a fazer comentários sobre tudo em mim: minhas roupas, meu cabelo, até o jeito que eu falo. E não parou por aí. Ela começou a postar fotos e vídeos meus nas redes sociais, me zoando para todo mundo ver. Tipo, ela fazia legendas horríveis, coisas que eu nunca imaginei que alguém diria sobre mim. Sério, foi ruim demais. Antes, eu amava participar de tudo. Agora... eu não sou mais eu. Parece que todos estão rindo de mim, mesmo quando não estão. Parei de falar com meus amigos, parei de fazer as atividades que eu amava, e até minhas notas, que sempre foram boas, os professores falaram que estão caindo. E, sabe, eu me sinto tão sozinha, mesmo com todo mundo em volta. Em casa, meus pais vivem perguntando. Eu acho que eles já perceberam que tem alguma coisa errada, sabe. Mas o que eu posso dizer? Como é que eu vou contar que estou sendo humilhada na internet, que eu sinto como se minha vida tivesse sido exposta para o mundo todo? Tenho medo de que eles achem que é drama, que não entendam. Então, eu fico quieta e fico aguentando. Só não sei até quando (Fernanda, 2024).

Esse relato pode ser comparado ao filme “Bullying Virtual” (2015), onde a protagonista Taylor também é vítima de humilhações online que devastam sua autoestima e vida social. Assim como Fernanda, Taylor

enfrenta um ambiente hostil e se sente isolada e desamparada.

Oliveira (2019) destaca que as vítimas de bullying frequentemente desenvolvem ansiedade e depressão, sintomas que se agravam quando o bullying ocorre no ambiente digital, como apontado também por Wolke (2017). Esses casos evidenciam a necessidade de um apoio psicológico contínuo e de políticas escolares que combatam o cyberbullying, promovendo um ambiente protegido e receptivo para todos os estudantes. Fernanda e Taylor exemplificam o impacto devastador do bullying, reforçando a urgência de intervenções eficazes para prevenir e mitigar seus efeitos.

Meu nome é Camila, tenho 17 anos e estou no 3º ano do ensino médio. Eu sempre fui de boa, aquela menina extrovertida, que estava em todas. Mas, depois que ganhei uma competição importante na escola, as coisas mudaram, e para pior. Foi como se o prêmio tivesse virado uma sentença para mim. As meninas, que eu considerava minhas amigas, começaram a virar a cara. Do nada, surgiram uns boatos pesados de que eu só ganhei porque os professores gostavam de mim. Tipo, sério?! Como se eu não tivesse me esforçado. Aí, começaram a me excluir de tudo. Saídas, festas, até aqueles trabalhos em grupo que antes era de boa, agora eu era sempre a última a saber. Fiquei sabendo que até fizeram um grupo no Whats para falarem mal de mim. Nas conversas pelos corredores, soltavam umas indiretas venenosas, tudo com aquele ar de superioridade. E o pior? Elas faziam questão de rir alto quando passavam por mim, como se fosse divertido me deixar assim. E isso me mexeu de um jeito... Nossa!! Comecei a questionar

tudo. Será que eu não sou boa o bastante? Será que eu só ganhei por sorte? Minha confiança despencou, igual um tombo sem fim. Parei de fazer as coisas que eu gostava, me afastei de todo mundo. A ansiedade começou a tomar conta, e eu me sentia sufocada, como se cada risadinha delas fosse mais uma prova de que eu não merecia nada do que conquistei. E o que mais dói? Elas sabem o que estão fazendo, e parece que se divertem com isso. Como se me ver assim fosse o prêmio delas (Camila, 2024).

Essa situação é refletida na série “Pretty Little Liars” (2010-2017), onde personagens como Aria, Hanna, Spencer e Emily enfrentam bullying e manipulações que afetam profundamente suas vidas. Assim como Camila, essas personagens são vítimas de rumores e exclusão social, o que demonstra como o bullying pode ter um impacto devastador na saúde mental das adolescentes.

Wolke (2017) destaca a amplificação desses efeitos quando as agressões ocorrem de forma sistemática e pública. Estudos como o de Claes et al. (2015), indicam que o suporte parental pode moderar os impactos negativos do bullying, mas a ausência desse apoio pode agravar os sintomas depressivos e de automutilação.

Os relatos de Fernanda e Camila, bem como os personagens em “Bullying Virtual” e “Pretty Little Liars”, sublinham a necessidade de intervenções eficazes e políticas escolares que promovam um ambiente seguro e acolhedor. Christina et al. (2021) destacam a relação bidirecional entre a vitimização por colegas e problemas internalizantes, reforçando a importância de intervenções precoces.

Portanto, é crucial desenvolver estratégias de prevenção que

abordem tanto o bullying presencial quanto o cyberbullying, garantindo apoio psicológico contínuo às vítimas e educando a comunidade escolar sobre a importância da empatia e do respeito. Essas intervenções podem ajudar a mitigar os efeitos negativos do bullying e promover um ambiente mais inclusivo e saudável para todos os estudantes.

Meu nome é Laura, estou com 16 anos e estou fazendo o 2º ano do ensino médio. E cara, parece que minha vida virou um pesadelo desde que cheguei nessa escola. Quando eu cheguei, achei que seria só mais um começo novo, normal, mas não foi assim. A Vanessa, aquela garota que se acha a dona da escola, resolveu que eu sou o alvo dela e do grupinho. No começo, eram só uns comentários maldosos, tipo: “Nossa, que roupa é essa?”. E elas riam, alto, só para que eu pudesse ouvir. Mas aí, começou a ficar pior. No intervalo, elas começaram a esbarrar em mim de propósito. Sabe quando você está andando e alguém te dá aquele empurrão disfarçado? Elas faziam isso direto, como se fosse brincadeira, mas eu sabia que era para me humilhar. E eu não podia fazer nada, porque se eu reclamasse, era capaz de dizerem que eu estava “exagerando”. As risadinhas no corredor... Nossa!! Toda vez que eu passava, parecia que eu estava num filme de terror. Eu sentia aquelas olhadas de cima a baixo, como se eu fosse um lixo. E não bastava só isso, começaram a espalhar uns boatos ridículos sobre mim, coisas que eu nunca fiz, e de repente parecia que a escola inteira estava contra mim. Todo mundo acreditando nas mentiras delas. E o pior é que elas me excluía de tudo. Organizavam as festas mais legais, combinavam

de sair depois da aula, e eu?! Nem ficava sabendo. Quando eu tentava participar de algo, me olhavam como se eu fosse lixo. Eu tento fingir que não ligo, que sou forte, e tal, mas por dentro... cara, está difícil. Nunca pensei que podia me sentir tão sozinha assim. Parece que elas têm prazer em me ver mal. Como se eu fosse um alvo fácil para descarregar tudo. Cada comentário delas dói de um jeito que eu nem sei explicar, e o pior é que ninguém parece notar o quanto isso está me afetando. Sabe... quando eu ando pelos corredores... eu sinto como se todo mundo estivesse me olhando, rindo de mim, comentando pelas costas. Até quando não tem ninguém falando nada, eu ouço as vozes na minha cabeça. Parece que elas estão sempre lá, rindo, zombando, me humilhando. Eu acordo todo dia com essa sensação de pavor, de que algo horrível vai acontecer. Às vezes, minhas mãos tremem tanto que eu nem consigo segurar um lápis direito na aula, é muito estranho sentir isso. Eu já pensei em contar para alguém, mas... Como é que eu vou explicar que eu não sou forte o bastante para lidar com isso? Tenho medo de que ninguém acredite, de acharem que é frescura. É como se minha voz tivesse sido tirada de mim. Eu não consigo gritar por ajuda. E, mesmo quando tento, as palavras travam na minha garganta. Cheguei num ponto em que eu não consigo mais sair de casa sem sentir que algo ruim vai acontecer. Sinto meu coração acelerar só de pensar em ir para escola, só de pensar em ver aquelas meninas. Tudo me deixa em alerta, como se eu estivesse sempre esperando o próximo ataque. E o pior? Eu duvido de tudo: das minhas escolhas, da minha capacidade, até da minha própria existência. Não consigo dormir direito, porque

as lembranças não me deixam em paz. Vejo as risadas, ouço as piadas, sinto os empurrões de novo, e de novo, e de novo... parece que nunca acaba. O pouco que sobrou de mim está desaparecendo, e eu não sei por quanto tempo mais eu consigo segurar (Laura, 2024).

O bullying verbal e psicológico fez com que Laura se sentisse insegura e isolada, temendo ir à escola todos os dias. Sua autoestima foi profundamente abalada, e seu desempenho acadêmico começou a cair.

Esse relato pode ser comparado ao filme “Meninas Malvadas” (Mean Girls, 2004), onde a protagonista, Cady Heron, enfrenta um grupo de meninas populares lideradas por Regina George. No filme, Regina e suas amigas utilizam táticas de bullying semelhantes às experimentadas por Laura, como a exclusão social, a disseminação de boatos e a humilhação pública.

De acordo com Schwartz et al. (2018), a vitimização por pares durante a infância e adolescência pode ter consequências de longo prazo, afetando negativamente o ajustamento e a saúde mental das vítimas na vida adulta. Adolescentes vitimizados frequentemente enfrentam problemas como ansiedade, depressão e baixa autoestima, que podem persistir na vida adulta e impactar sua capacidade de manter relacionamentos saudáveis e de ter sucesso profissional.

Menken et al. (2022) ressaltam que a vitimização por colegas está fortemente associada a problemas de ajustamento social e emocional. Esses problemas incluem dificuldades comportamentais e acadêmicas, além de um aumento nos comportamentos de autolesão e ideação suicida. As intervenções precoces são cruciais para prevenir o desenvolvimento de problemas internalizantes, como ansiedade e depressão, melhorando assim o bem-estar geral das vítimas.

Os relatos de Maria, Ana, Juliana, Fernanda e Laura, juntamente com as narrativas de filmes e séries como “A Garota Como Ela”, “Carrie, a Estranha”, “Bullying Virtual”, “Pretty Little Liars” e “Meninas Malvadas”, sublinham a complexidade e a gravidade do bullying entre meninas adolescentes. Claes et al. (2015) enfatizam a necessidade de estratégias de prevenção e apoio psicológico contínuo para conter os impactos negativos do bullying, promovendo um ambiente escolar seguro e acolhedor.

Portanto, é essencial que as escolas desenvolvam políticas abrangentes que promovam a empatia, o respeito e a inclusão, garantindo que todos os alunos se sintam seguros e valorizados. Essas medidas são fundamentais para prevenir o bullying e apoiar as vítimas, criando um ambiente escolar mais saudável e acolhedor para todos.

O que precisa ser compreendido nesse fenômeno que ele engloba além de condutas individuais direcionados à vítima (alvo) ele também tem um caráter social e cultural.

2.3. Impactos emocionais e psicológicos

O bullying tem impactos profundos na vida das vítimas, incluindo baixa autoestima, ansiedade, depressão e, em casos extremos, pensamentos suicidas. Esses impactos são amplificados pelo fato de que o bullying entre meninas muitas vezes envolve a “traição” de amigas próximas.

Estudos recentes realizados no Brasil oferecem uma visão abrangente desses efeitos, sublinhando a importância de intervenções eficazes para refrear os danos causados por esse comportamento.

O bullying na escola pode resultar em uma série de consequências imediatas para os estudantes. Segundo Figueira et al. (2022), as

vítimas frequentemente apresentam queda no rendimento escolar, recusa em ir à escola e sintomas psicossomáticos, como dores de cabeça e dores de barriga. Esses sintomas refletem o sofrimento emocional e psicológico que as vítimas enfrentam diariamente. Além disso, a exclusão social e a humilhação pública podem levar ao isolamento e à perda de interesse em atividades escolares, prejudicando o desempenho acadêmico e o desenvolvimento social dos estudantes.

Silva et al. (2020) destacam que a falta de debates e de ações concretas contra o bullying na comunidade escolar contribui para a perpetuação desse comportamento. A ausência de uma abordagem sistemática e contínua faz com que as vítimas se sintam desamparadas e os agressores impunes. É essencial que as escolas implementem medidas de conscientização e ações preventivas contínuas que envolvam toda a comunidade escolar.

Valle et al. (2018) reforçam a importância da intersetorialidade na abordagem do bullying, onde a integração entre educação e saúde permite uma intervenção mais abrangente e eficaz. Eles apontam que a colaboração entre professores, profissionais de saúde e famílias é crucial para identificar casos de bullying e oferecer o suporte necessário às vítimas. Essas iniciativas promovem uma cultura escolar mais inclusiva e consciente dos impactos do bullying, incentivando um ambiente de respeito e empatia.

Os efeitos do bullying não se limitam à vida escolar. Estudos como os de Gatto et al. (2017) demonstram que a vitimização por colegas na infância e na adolescência pode ter consequências de longo prazo, afetando negativamente a autoestima e a saúde mental na vida adulta. Vítimas de bullying frequentemente enfrentam problemas como ansiedade, depressão, baixa autoestima e até transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Esses problemas podem interferir na capacidade das vítimas de manter relacionamentos saudáveis e de ter

sucesso no ambiente de trabalho.

De acordo com um estudo publicado no Portal Drauzio Varella (2020), muitos adultos que foram vítimas de bullying na infância relatam dificuldades emocionais persistentes. Esses indivíduos podem ter problemas para confiar nos outros, medo de novas situações sociais e um sentimento constante de insegurança. Além disso, a vitimização precoce pode influenciar negativamente o desempenho profissional, com muitos adultos reportando dificuldades para se adaptar a novos ambientes de trabalho e para assumir posições de liderança.

Santos e Machado (2019) ressaltam a importância de uma abordagem intersetorial para combater a violência e o bullying. Eles sugerem que campanhas internas nas escolas e a disseminação de informações na sociedade podem ser estratégias eficazes para conscientizar e mobilizar a comunidade contra o bullying. Essas ações coletivas ajudam a criar um ambiente mais seguro e acolhedor, onde o bullying é identificado e combatido de maneira eficaz.

Dias-Viana e Noronha (2021) também enfatizam a necessidade de integrar a educação e a saúde na abordagem do bullying, promovendo debates e momentos de aprendizado que ajudem os estudantes a se posicionarem contra o bullying e a tomarem decisões informadas sobre sua saúde mental e bem-estar.

2.4. O papel da mídia na representação do bullying

Filmes e séries de televisão desempenham um papel crucial na formação das percepções públicas sobre o bullying. A forma como o bullying é retratado na mídia pode influenciar tanto a maneira como as vítimas e os agressores percebem o fenômeno quanto as respostas de pais, professores e colegas.

3. METODOLOGIA

O percurso metodológico é de natureza qualitativa (Vieira; Riveira, 2012) de caráter investigativo na modalidade narrativa por meio das experiências (narrativas), baseadas na perceptiva de Clandinin e Connelly (2011, 2015), de adolescentes do sexo feminino relacionando suas vivências com filmes e séries que retratam o fenômeno do bullying.

A pesquisa narrativa, desse ponto de vista, é uma tentativa de fazer sentido da vida como é vivida. Para começar, ela tenta descobrir aquilo que é tomado por certo. E quando esses aspectos também começam a ser tomados por certo pelo pesquisador, então o pesquisador pode começar a participar e ver as coisas que funcionam, por exemplo, na enfermaria do hospital, na sala de aula, na organização. (Clandinin e Connelly, 2015).

Nestas análises foram investigados temas comuns emergentes como hierarquias de poder, relacionamentos, agressões verbais, emocionais, isolamento e exclusão social realizadas entre agressoras (autoras) e vítimas (alvos). Coleta e seleção de relatos (narrativas) com comparativos de narrativas ficcionais (séries e filmes).

Foram selecionados filmes e séries populares que abordam o tema do bullying entre meninas, considerando produções que obtiveram ampla recepção do público e da crítica. A análise fílmica pode ser tomada como estratégia metodológica em estudos de característica qualitativa, como argumentam Estanislau, Castro, Vieira e Resch

(2012).

Relatos reais foram coletados através de entrevistas não formais aplicadas a adolescentes em diferentes contextos escolares. A seleção dos participantes visou obter uma amostra diversificada em termos de idade, etnia e localização geográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que o bullying é uma realidade social, disto não se tem dúvidas. Entretanto, formas de combate precisam ser pensadas e implantadas dentro de todos os ambientes sociais, principalmente dentro do ambiente escolar, onde as crianças e adolescentes passar maior parte do seu tempo.

A pesquisa aqui realizada demonstra a realidade de muitas adolescentes que vivem episódios, como os relatados, todos os dias, durante muito tempo, sem ter a quem recorrer, sem saber como agir e como se defender, e que em muitos casos perdem totalmente o senso de pertencimento, sua autoestima é totalmente destruída e em casos mais graves, a tentativa de suicídio.

As narrativas apresentadas, assim como os filmes e séries citados no presente texto, nos mostram que devemos ter um olhar mais acurado para estes acontecimentos dentro do ambiente escolar e buscar por formas de prevenção e combate.

Salienta-se que as narrativas apresentadas aqui, podem ser tratadas como um retrato fiel de muitos que vivem o bullying diariamente dentro do ambiente escolar e que carregam os prejuízos dele por toda a vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 13.185, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF: Presidência da República, [2015]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 18 jul. 2024.

CHRISTINA, S., MAGSON, N. R., KAKAR, V., & RAPEE, R. M. The bidirectional relationships between peer victimization and internalizing problems in school-aged children: An updated systematic review and meta-analysis. 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272735821000222?via%3Dihub>. Acesso em: 21 jul. 2024.

CLAES, L., LUYCKX, K., BAETENS, I., VEN, M., & WITTEMAN, C.. Bullying and victimization, depressive mood, and non-suicidal self-injury in adolescents: The moderating role of parental support. 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10826-015-0138-2>. Acesso em: 21 jul. 2024.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

CLANDININ, D. J; CONNELLY, F. M. Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa. 2. ED. Tradução grupo de pesquisa narrativa e educação de professores ILEEL/UFU. Uberlândia: UDUFU, 250 P, 2015.

DEWEY, John. Vida e educação. 8ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

Drauzio Varella. Os impactos do bullying na infância e na adolescência. 2020. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br>. Acesso em: 30 jul. 2024.

ESTANISLAU, C.; CASTRO, D.; VIEIRA, A. M.; RESCH, S. O mundo do trabalho visto no cinema: busca por significados no documentário peões. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 6, n. 2, p. 33-49, 2012.

FIGUEIRA, M. P., et al.. Associação entre supervisão parental, vitimização e perpetração de bullying em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. 2022. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ress/a/pQJV7t5QxfsJK6bNt-FWp3wj/?lang=pt>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

FRANCISCO, Marcos Vinicius; COIMBRA, Renata Maria. Análise do bullying escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. Estudos de psicologia (Natal), v. 20, n. 3, p. 184-195, 2015.

GATTO, R. C. J., et al. Nível da autoestima de adolescentes brasileiros vítimas de bullying e sua relação com a necessidade de tratamento ortodôntico. 2017. Disponível em: < http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-86372017000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> . Acesso em: 21 jul. 2024.

MALDONADO, M. T. Bullying e Cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco? 1ª edição. São Paulo: Editora Moderna, 2011.

MENKEN, I., Liang, S., Rodriguez Rivera, J. A., Cloak, N., Reeves, E., Lever, N., & Chang, L. Peer victimization (bullying) on mental health, behavioral problems, cognition, and academic performance in preadolescent children in the ABCD. 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36225678/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

NIXON, C. Current perspectives: The impact of cyberbullying on adolescent health. 2014. Disponível em: < <https://www.dovepress.com/current-perspectives-the-impact-of-cyberbullying-on-adolescent-health-peer-reviewed-fulltext-article-AHMT>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

NOGUEIRA, Rosana Maria César Del Picchia. Violências nas escolas e jovens: um estudo sobre o bullying escolar. Tese de doutorado em Educação; História, Política e Sociedade. São Paulo, PUCSP, 2007.

SANTOS, J. V. T., & MACHADO, E. M. A violência na escola e os dilemas do controle social: uma proposta dialógica. 2019. Disponível em: < <https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/1113>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SCHWARTZ, D., LANSFORD, J. E., Dodge, K. A., Pettit, G. S., & Bates, J. E. Peer victimization during middle childhood as a lead indicator of internalizing problems and diagnostic outcomes in late adolescence. 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24660666/>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SILVA, A. N. et al. Tendência de bullying verbal, violência doméstica e envolvimento em brigas com armas entre adolescentes das capitais brasileiras de 2009 a 2015. 2019.

SILVA, J. C. A. F., et al. Compreensão sobre o bullying em escolas de educação básica de Arapiraca/AL: semelhanças e dissonâncias. 2020. Disponível em: < https://diversitas-journal.com.br/diversitas_journal/article/view/697>. Acesso em: 30 jul. 2024.

TOGNETTA, Luciane Regina Paulino. Violência na escola x violência da escola. Anais Congresso Nacional de Educação da PUCPR – Educere, 8; Congresso Ibero- Americano sobre Violências nas Escolas – Ciave, 3. Curitiba: PUC, 2009.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; OLIVEIRA, Vitória Hellen Holanda; BOMFIM, Sanderli Aparecida Bicudo. Adesão a valores morais entre envolvidos em situações de bullying. Revista Tópicos Educacionais, v. 27, n. 1, p. 98-119, 2021.

VALLE, J. E., STELKO-PEREIRA, A. C., PEIXOTO, E. M., & Williams, L. C. A. Influência do “bullying” e da relação professor-aluno no engajamento escolar: análise de um modelo explicativo. 2018.

VIEIRA, A. M.; RIVERA, D. P. B. A Hermenêutica no Campo Organizacional: duas possibilidades interpretativistas de pesquisa. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 14, n. 44, p. 261-273, 2012.

WOLKE, D. *Cyberbullying: how big a deal is it?*. 2017. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanchi/article/PIIS2352-4642\(17\)30020-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanchi/article/PIIS2352-4642(17)30020-2/fulltext). Acesso em: 01 ago. 2024.

SOBRE OS AUTORES

Mirione Gomes de Azevedo Oliveira

Mestranda em Educação/ PPGE – UMESP. Licenciatura em Química. Especialização em Pedagogia. Docente em escola pública para Ensino Médio. Mestranda em Educação, sendo bolsista no programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES), pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

E-mail: mirione.gomes@gmail.com

Vanessa Paiva Garcia Fantozzi

Mestranda em Educação/ PPGE – UMESP. Psicóloga formada pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Pedagoga formada pela Uninove, Especialista em Violência Doméstica pelo Laci (USP), Professora do curso de Psicologia da UMESP, Assessora Pedagógica da Educação Básica da Rede Metodista, Psicóloga Clínica.

E-mail: vanessa.fantozzi@metodista.br

Elaine Gomes Vilela

Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Coordenadora do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UMESP e FAPCOM. Docente permanente do PPGE da UMESP. Especialização em Tradução e Interpretação Libras/Português (2014) ambas pela Universidade Camilo Castelo Branco.

E-mail: elaine.vilela1@metodista.br

Valquíria Aparecida Rossi

Doutora em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo, Coordenadora do curso de Psicologia, UMESP. Atualmente trabalha como docente e coordenadora do curso de Psicologia, coordenadora e docente permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Saúde e do programa de pós-graduação em Educação.

E-mail: valquiria.rossi@metodista.br